
O CIBORGUE AINDA ESTÁ NO LUGAR: A ESCALA INICIAL DO COMUM

PINTO, Ronaldo Ramos¹

Recebido (Received): 04/10/2021 Aceito (Accepted): 02/11/2021

Como citar este artigo: PINTO, R. R. O ciborgue ainda está no lugar: a escala inicial do comum. **Geoconexões (online)**, v.1, n.2, p. 69-83, 2021.

RESUMO: O projeto neoliberal tem funcionado cada vez mais como dispositivo político da expropriação capitalista da riqueza social. Por sua vez os vários movimentos de resistência têm se utilizado de inovações em sua luta para manter esta riqueza social aberta através da produção do comum se contrapondo ao poder constituído. Esse artigo busca um entendimento inicial, alicerçado principalmente na perspectiva geográfica, de como se dá a produção do comum em relação as fragmentações espaciais geradas pelo neoliberalismo e pela globalização. Para isso adentramos no conceito de lugar tão discutido na Geografia, assim como buscamos analisar vários movimentos sociais recentes a partir de conceitos espaciais de Deleuze e Guattari. Inserimos também o ideário de sociedade ciborgue de Donna Haraway, a fim de compreender a nossa relação com a natureza, e pensar a importância que a técnica tem na produção do comum, em suas escalas variadas, assim como na produção de um retorno a ideia de um pensamento crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar, Ciborgue, Comum

The Cyborg is Still in Place: The Initial Scale of the Common

ABSTRACT: The neoliberal project has worked more and more like political dispositive of the capitalist expropriation social wealth. In turn, the various resistance movements have used innovations in their struggle to keep this social wealth open through the production of the common, in opposition to the constituted power. This article seeks an initial understanding, based mainly on the geographical perspective, of how the production of the common takes place in relation to the spatial fragmentations generated by neoliberalism and globalization. For this we enter the concept of place so discussed in Geography, as well as we seek to analyze various recent social movements from spatial concepts of territorialization and deterritorialization proposed by Deleuze and Guattari. We also insert the ideas of Donna Haraway's cyborg society in order to understand our relationship with nature, and to think about the importance that technique has in the production of the common, in its varied scales, as well as in the subjective production of a return to the idea of a critical thought.

KEYWORDS: Place, Cyborg, common

¹ Licenciado e Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de São Carlos - Campus Sorocaba. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Política de Professoras e Professores (GPFORPP). E-mail: ronaldoramos@estudante.ufscar.br

Introdução

Nunca a frase “nós temos muito em comum” fez tanto sentido, pois hoje somos todos ciborgues, uma mistura de natureza, ser humano e produção técnica, direcionados a produzir informações sobre nós mesmos. Ao mesmo tempo em que estamos inseridos em uma saga financeira, em que a vida tem cada vez menos importância, quando não serve ao mercado. O que diremos sobre o momento de Pandemia de Covid-19, onde viver e manter a bolsa de valores nos mesmos parâmetros se torna praticamente a mesma coisa. “Nossas economias políticas avançadas”, como disse Sassen (2016, p.10) “criaram um mundo em que a complexidade tende a produzir brutalidades elementares com demasiada frequência”.

Se o vírus é comum a todos a sua disseminação e letalidade é mais pesada sobre pobres, negros, periféricos. “As condições preexistentes de vida e saúde dos indivíduos, em cada lugar, explicam em grande parte sua capacidade de prevenção, acesso aos serviços de saúde e sobrevivência às consequências sanitárias, econômicas e sociais da COVID-19” (ALBUQUERQUE e RIBEIRO, 2020, p.3), trazendo maiores impactos principalmente para a classe trabalhadora de baixa renda, muitas vezes moradora de territórios vulnerabilizados (OLIVEIRA et al, 2020).

A expropriação capitalista da riqueza social a partir do projeto neoliberal tem chegado a níveis assustadores, ao passo que, conceitos como a necropolítica de Achille Mbembe (2016) têm desvendado os meandros que os Estados em confluência com o mercado têm tomado para instituir sua soberania. Estes processos mais gerais de controle e extração de valor, no entanto, operam cada vez mais por fragmentações do espaço. Ou seja, apesar desse mundo globalizado, escancarado especialmente agora a partir do COVID-19, as fragmentações do espaço e da sociedade são cada vez maiores (SANTOS, 2013).

Em contraposição a esse movimento de privatização e cercamentos dos espaços, por meio da expansão dos latifúndios ou da gentrificação urbanas, e que confrontam a aliança subordinada dos Estados neoliberais ao capital, surgem alguns movimentos que tem se baseado em uma luta a partir da produção do comum (Negri e Hardt, 2016 e 2018, Stavrides, 2016, Franca, 2019). Neste sentido o trabalho busca discutir: Como a produção do comum se desdobra em meio aos processos de fragmentação do espaço?

O objetivo desse artigo é investigar como tem se dado essa produção do comum a partir das fragmentações advindas da globalização, pois há uma sobreposição de tempos técnicos que diferencia o espaço, interferindo dessa forma no processo de absorção das dinâmicas do capital e nas formas que o comum é produzido.

Para traçar esse caminho de desenvolvimento teórico, serão utilizados principalmente dos conceitos de Milton Santos, tais como meio-técnico-científico-informacional, que se encontra especialmente no livro “Técnica, Espaço, Tempo” (2013) e Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção (1996). Esse trabalho é uma constituição inicial, como esforço teórico para um mínimo entendimento em relação as escalas do comum, sem nenhuma ambição de esgotar o tema, mas sim dar o ponta pé inicial em um estudo de um fenômeno importante na atualidade.

O ciborgue em busca do Comum

“Somente a História nos instrui sobre o significado das coisas”, diz Santos, pois para incluir novas realidades e novas ideias é necessário “levar em conta o Tempo que passa e tudo muda” (SANTOS, 2013, p.15). Dessa forma, vemos como imprescindível observar a nossa relação atual com a natureza, quase totalmente transformada em segunda natureza, por meio do qual também nos inserindo ferozmente como parte administrada e controlada pela técnica, a serviço de uma política. Aos moldes de Donna Haraway, nos constituímos atualmente como ciborgues.

[...] criaturas que são simultaneamente animais e máquina, que habitam mundos que são, de forma ambígua, tanto naturais quanto fabricados. A medicina moderna também está cheia de ciborgues, de junções entre organismo e máquina, cada qual concebido como um dispositivo codificado, em uma intimidade e com um poder que nunca, antes, existiu na história da sexualidade.” [...] No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todas quimeras, híbridos - teóricos e fabricados - de máquina e organismo; somos em suma, ciborgues (HARAWAY, 2013, p.36-37).

No século XXI tivemos um aprofundamento dessa dinâmica; hoje temos celulares como extensões dos nossos corpos, assim como, o domínio da natureza se torna indispensável à nossa continuidade. Vejamos, por exemplo, a COVID-19 e a pandemia iniciada em 2020 nos arremessaram em uma corrida por vacinas e anticorpos, que só são possíveis a partir da técnica. De fato, necessitamos cada vez mais ser ciborgues para sobreviver atualmente, para sobreviver num meio que evolui de meio natural para o meio técnico científico informacional (SANTOS, 1999):

Podemos então falar de uma cientificização e de uma tecnicização da paisagem. Por outro lado, a informação não apenas está presente nas coisas, nos objetos técnicos que formam o espaço, como é necessária à ação realizada sobre essas coisas. A informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são, desse modo, equipados para facilitar a sua circulação. (SANTOS, 1996, p. 11)

Neste meio informacional somos ciborgues totalmente localizáveis, expostos, pois sabem da nossa carne, mas também conhecem a potência dos nossos transistores, os *megapixels* do nosso olhar e os *terabytes* dos nossos pensamentos. Antes a técnica era elo entre o ser humano e a natureza, hoje nós seres humanos somos segunda natureza capitalizada. “A economia se tornou mundializada”, como disse Santos, “e todas as sociedades terminaram por adotar de forma mais ou menos total e de maneira mais ou menos explícita, um modelo técnico único que se sobrepõe a multiplicidade natural e humana” (SANTOS, 2013, p.18).

Somos dados dentro de uma projeção algorítmica, em um mundo em que a realidade parece muito abstrata e que “o futuro parece bloqueado. Vivemos esse estranho momento, desesperador e preocupante em que nada parece possível” (DARDOT e LAVAL, 2017, p.10). Mas, Milton Santos (2013) avisa que a globalização é um sistema coerente, ou seja, ele tem uma lógica e dessa forma pode ser analisado e compreendido. Podemos encontrar as tendências subterrâneas da globalização e suas patologias, como as desigualdades e as lógicas de expulsões, como disse Sassen (2016)? Podemos, além disso, produzir novas conexões, novas lógicas, canalizar os fluxos para a produção de espaços comuns?

Cindi Katz (2019) ao analisar a globalização da produção capitalista, o adjetiva como vagabundo (*vagabond*) ao explicitar o seu caráter fluido, desenraizado, sem compromisso com as pessoas e os lugares. Seguindo as mesmas ideias da atualidade, o neoliberalismo também pode ser caracterizado como soberbo, ao passo que essa sociedade globalizada se apropria do que não consegue controlar, busca expropriar, mas também institui possibilidades. Segundo Hardt e Negri (2018), o capital, ao estender as bases materiais e imateriais do trabalho e da reprodução social, estendeu por sua vez, a dimensão comum da produção, que escapa paradoxalmente ao seu próprio controle. Ou seja, sobre estas mesmas bases materiais e, principalmente, imateriais da produção abrem-se linhas de fuga, canalizadas para o comum.

Por um lado, esse ser humano ciborgue é cada vez mais expropriado em suas tarefas diárias de lazer ou de consumo, de forma que utiliza do celular localizado para contribuir com um montante de informações, que atualmente são base da reprodução capitalista mundial. Por outro lado, entretanto, o controle desse sistema é evasivo, proporcionando a possibilidade de reorganizações advindas dos ciborgues. Quando o celular se torna meio de produção, capital fixo, nas mãos de entregadores e entregadoras urbanos, abre-se também para

múltiplas conexões de trabalho, de vida e luta, como foram as greves dos entregadores em 2020².

O meio informacional, que é em certo sentido a própria globalização, só existe em cada lugar, em cada coletivo, em cada corpo, que se conecta a inteligência planetária, ela mesma, segundo Santos (1999) “o suporte do processo atual de globalização”. Não existe, portanto, capital fixo sem uma correspondência no saber. Esta dimensão subjetiva do capital fixo foi antecipada por Marx nos *Grundrisse*, que, infelizmente, ficou subdesenvolvida em *O capital*, sobrevalorizou os aspectos mais objetivos. Nos *Grundrisse*s a dimensão subjetiva e social do capital fixo (*general intellect*) vai em paralelo aos aspectos materiais dos meios de produção:

A natureza não constrói máquinas nem locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, máquinas de fiar automáticas etc. Elas são produtos da indústria humana; material natural transformado em órgãos da vontade humana sobre a natureza ou de sua atividade na natureza. Elas são *órgãos do cérebro humano criados pela mão humana*; força do saber objetivada. O desenvolvimento do capital fixo indica até que ponto o saber social geral, conhecimento, *força produtiva, no imediata* e, em consequência, até que ponto as próprias condições do processo vital da sociedade ficaram sob o controle do intelecto geral e foram reorganizadas em conformidade com ele. Até que ponto as forças produtivas da sociedade são produzidas, não só na forma do saber, mas como órgãos imediatos da práxis social; do processo de vida real (MARX, 2011, p. 589).

O capital fixo como “saber objetivado”, “intelecto geral”, oferece poderosa ferramenta para compreender o funcionamento da produção e da reprodução social e, a partir disso, discutir até que ponto a vida social urbana, sobretudo metropolitana, está controlada por este saber. Atualmente, o que distingue o aspecto intelectual e imaterial do capital fixo, como diz Vercellone (2015, apud Hardt e Negri, 2018, p. 156), é que ele permanece “essencialmente incorporado aos seres humanos e, portanto, corresponde fundamentalmente às faculdades intelectuais e criativas da força de trabalho”. Consequentemente, isso abre outro campo de disputa de classes em torno dos meios e dos produtos imateriais de produção - e, portanto, do capital fixo- incorporados imediatamente no indivíduo social, em cada ciborgue.

Nessa era dos algoritmos em que a “matematização do espaço, o torna propício a uma matematização da vida social” (SANTOS, 2013, p.31), há também uma construção de revolta do ser humano ciborgue, produzindo uma “inteligência artificial”. A inteligência artificial é colocada aqui como uma área da ciência que busca criar dispositivos que desempenhem as capacidades humanas de raciocínio. Nesse caso, há um retorno ao pensamento crítico

² <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53124543>

humano que retira o ciborgue dessa constituição controlada somente pelo capital, e o faz refletir por si só, agindo em descompasso com os códigos programados e dessa forma se organizando a partir do comum. Segundo Dardot e Laval (2017, p.16):

[...] o comum se tornou a designação de um regime de práticas, lutas, instituições e pesquisas que abrem as portas para um futuro não capitalista, [...]se transformando em princípio efetivo dos combates e movimentos que resistem à dinâmica do capital e conduzem a formas originais de ação e discurso (DARDOT e LAVAL, 2017, p.16).

Essas ações práticas do comum, “delineiam a construção de novas formas democráticas de produção e gestão de recursos compartilhados, contra sua apropriação privada ou pública” (TONUCCI FILHO e MAGALHÃES apud HARDT e NEGRI, 2017). Tonucci Filho e Magalhães (2017) ao discutir essa contraposição do neoliberalismo e do comum inserem a metrópole como palco importante para esse debate e constituem que a apropriação da cidade a partir do comum se faz crescente, pois os cercamentos e as desposseções na metrópole também tem aumentado.

Portanto, as práticas sociais insurgentes e contra hegemônicas tem sido a forma de exercer o direito à cidade nas metrópoles, como as ocupações de moradia nas favelas e nas periferias ou a ocupação de prédios vazios, assim como as hortas comunitárias, os centros culturais autogeridos e a apropriação de praças por manifestações como em Syntagma, Atenas, a Praça Tahrir no Cairo e a Plaza de Catalunya em Barcelona.

Linhas de fuga e a formação da rede

De onde surge uma *Hashtag*? Movimentos como o #Blacklivesmatter, #Occupy³ e #EndSars⁴ utilizaram desses signos que permitem uma difusão consistente dos assuntos tratados, mas, essa constituição *online* que faz uma *hashtag* explodir rapidamente nas redes

³ O movimento é em primeiro lugar, de maneira muito clara, uma revolta da juventude, à semelhança do movimento dos indignados que começou na Tunísia, depois se espalhou pelo Egito e em seguida pela Europa e Ásia. Nos Estados Unidos, essa revolta é alimentada principalmente por jovens da classe média que se endividaram para fazer seus estudos com a esperança de encontrar um trabalho que lhes assegurasse um futuro decente e estável. Atualmente, eles não encontram emprego, e, se encontram, é muito aquém de suas qualificações (SAUVIAT, 2012)

⁴ [...] protestos ganharam as ruas após a circulação de um vídeo que mostra um homem sendo espancado pelo que parecem oficiais de polícia de uma unidade especial chamada Esquadrão Especial Antirroubo, ou SARS. Vários casos de brutalidade cometidas pelo grupo já foram registrados na Nigéria e o descontentamento com os oficiais é antigo. As demandas iniciais do grupo pediam o fim da SARS, mas as marchas desde então adotaram pautas como a reforma da polícia e o fim da má governança na Nigéria. O movimento ficou conhecido como “EndSARS”, em português “acabe com a SARS”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/10/26/juventude-da-nigeria-encontra-sua-voz-em-protestos-de-movimento> Acesso em: 15/01/2021.

sociais, muitas vezes retira a materialidade, por meio de manchetes em *capslock* que geralmente unificam o tom gritante da mensagem que quer ser reproduzida, mas ao mesmo tempo desloca os fatos do espaço para o ciberespaço. O que quero explicitar aqui é que geralmente *hashtags* ligadas a produção do comum surgem de um local específico, geolocalizado e de um lugar muito importante para a reprodução do mesmo.

As manifestações do comum são espacializadas, sejam elas construídas nas redes e posteriormente espalhado pelas ruas de todo o mundo como o *Black Lives Matter* (BLM)⁵ ou um movimento local como o da luta contra o COVID-19 em Paraisópolis-SP⁶. Elas têm na sua constituição histórica socioespacial uma base importante para o entendimento da sua produção e reprodução, ao passo que, “a percepção, pela sociedade e pelo indivíduo, do que esse espaço é depende da forma de sua historicização” (SANTOS, 2013, p.38).

Ainda mais em um momento da sociedade onde “o que globaliza separa”, “cada lugar, é ponto de encontro de lógicas que trabalham em diferentes escalas, reveladoras de níveis diversos e as vezes contrastantes” (SANTOS, 2013, p.18). A partir de um tempo/espaço construído dialeticamente, o comum, aquele apropriado pelo capital, também se abre contra o sistema neoliberal, buscando uma apropriação da carne sobre a máquina e, essa dialética do ciborgue, se constitui em escalas diferentes.

O comum se manifesta em explosões sociais, em fuga das redes de controle, nas experiências localizadas, em novas territorialidades. Qualquer mapeamento, georreferenciamento é temporário, não para de se desfazer. Nos encontramos nesta conectividade esquizofrênica. A conectividade esquizofrênica se relaciona com uma ideia de lugar esquizofrênico de Milton Santos, que tem no global e no local pontos de conexão distantes, mas próximos ao mesmo tempo. A conectividade esquizofrênica estaria na

⁵ O Black Lives Matter é um movimento que surgiu em 2013 por três ativistas norte-americanas: Alicia Garza, da aliança nacional de trabalhadoras domésticas; Patrisse Cullors, da coalizão contra a violência policial em Los Angeles; e Opal Tometi, da aliança negra pela imigração justa. Hoje, é uma fundação global cuja missão é "erradicar a supremacia branca e construir poder local para intervir na violência infligida às comunidades negras" pelo Estado e pela polícia. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm> Acesso em: 15/01/2021.

⁶ Movimento organizado na favela de Paraisópolis na cidade de São Paulo, que tem como objetivo mitigar o impacto que o Coronavírus vem causando na comunidade. A partir de um abandono crônico do Estado para com essa periferia da cidade, a auto-organização foi o molde escolhido e necessário para que se houvesse algum tipo de política de cuidado dentro dessa pandemia. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2020/07/01/Por-que-Parais%C3%B3polis-se-destaca-no-combate-ao-coronav%C3%ADrus> Acesso em: 04/10/2021.

possibilidade de conversar com o outro lugar do mundo enquanto também converso com o meu vizinho. Segundo Santos (2001, p.114):

“O território tanto quanto o lugar são esquizofrênicos, porque de um lado acolhem os vetores da globalização, que neles se instalam para impor sua nova ordem, e, de outro lado, neles se produz uma contraordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados. Crescentemente reunidas em cidades cada vez mais numerosas e maiores, e experimentando a situação de vizinhança (que, segundo Sartre, é reveladora), essas pessoas não se subordinam de forma permanente à racionalidade hegemônica e, por isso, com frequência podem se entregar a manifestações que são a contraface do pragmatismo. Assim, junto à busca da sobrevivência, vemos produzir-se, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção, a partir dos lugares e das pessoas juntos. Esse é, também, um modo de insurreição em relação à globalização, com a descoberta de que, a despeito de sermos o que somos, podemos também desejar ser outra coisa.” (SANTOS, 2001, p. 114).

Por esta natureza esquizofrênica do espaço, os territórios e os lugares não param de se refazerem. Mas nunca iremos encontrar, a não ser num nível metafórico, redes completamente “desterritorializadas”, como disse Haesbaert, no sentido de sua total imaterialidade. Até mesmo uma “comunidade virtual”, deve ser vista sustentada, de algum modo, nas redes técnicas que tornam sua existência possível (2004, p.292).

Seguindo os modelos de Deleuze e Guattari (1995), é possível analisar o BLM, por exemplo, e as diversas manifestações urbanas como um rizoma, sem início e sem fim, mas que tem a sua análise alicerçada nas suas interrelações, agenciamentos, territórios, que tendem a se desenvolver a partir de linhas de fuga, nos movimentos de desterritorialização, que vem a se reterritorializar em outro local. “Todo rizoma compreende linhas fuga de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializados, organizado, significado, atribuído, etc.” como dizem Deleuze e Guattari, “mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 25).

As linhas de fuga só podem ser entendidas na análise da dinâmica dos agenciamentos constituídos no lugar e com o lugar, ao passo que ela se coloca como uma ruptura a-significante, ou seja, mesmo que haja a desterritorialização, isso só vem a aumentar os territórios de ação do movimento, formando essa territorialidade de luta comum. Segundo Deleuze e Guattari (1995, p.69):

“As territorialidades são, pois, atravessadas, de um lado a outro, por linhas de fuga que dão prova da presença, nelas, de movimentos de desterritorialização e reterritorialização. De certo modo, elas vêm em segundo lugar. Elas próprias [as territorialidades] nada seriam sem esses movimentos que as depositam. Em suma, no Ecúmeno ou unidade de composição de um estrato, os epistratos e os paraestratos não param de se mexer, deslizar, se deslocar, mudar, uns levados por linhas de fuga e movimentos de

desterritorialização, outros por processos de descodificação ou deriva, uns com os outros se comunicando no cruzamento dos meios” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 69).

O lugar como expressão da realidade e escala inicial do comum

É importante “não confundir localização e lugar. O lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. E lugar é o objeto ou o conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar” (SANTOS, 2020, p.130). Nesse trabalho, buscamos ver a geolocalidade como materialização do ponto de acontecimentos significativos para a instauração do comum, e o lugar como palco e ator das interrelações sociais, ao passo que, cada lugar, “tem, a cada momento, um papel próprio no processo produtivo” (SANTOS, 2020, p.13)

Trazendo, como exemplo, o assassinato de George Floyd que reacendeu um novo momento de luta por um tratamento policial justo em relação a população negra nos Estados Unidos em 2020⁷. A morte aconteceu na cidade de Minneapolis, a partir de uma abordagem policial em frente a uma loja de conveniência. Essa rua, onde está localizada a loja, e onde o fato aconteceu é território de patrulha de uma delegacia específica, que foi incendiada nos protestos posteriores. Portanto, é necessário observar como se dão as relações cotidianas nesse lugar, um ponto geolocalizado do globo, que desencadeou protestos em vários locais do mundo. Esses protestos em rede também geolocalizados, assim como relacionadas ao cotidiano.

O assassinato de George Floyd não se caracteriza como início da resistência e nem como início do movimento Black Lives Matter (BLM), mas sim como uma linha de fuga da Necropolítica instituída pela soberania estatal, sendo organizada a partir de baixo. Dessa forma, é possível observar que o movimento advindo do lugar em Minneapolis, poucos dias depois estava em Londres, Berlim, Tóquio etc.; pois teve desterritorializações e reterritorializações constantes nesses novos locais, formando novos agenciamentos com o lugar e formando novas linhas de fuga.

Quando o movimento BLM se organizou, em Bristol, na Inglaterra, a estátua de Edward Colston, um ex-mercador de africanos escravizados do século XVIII, foi derrubada e atirada ao rio.⁸ Em Londres, manifestantes de extrema direita se organizaram para “proteger”

⁷Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm> Acesso em: 04/10/2021.

⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53036253> Acesso em: 29/01/2021.

a estátua de Winston Churchill dos possíveis atos do movimento antirracista.⁹ Enquanto que, em Brisbane, na Austrália, o movimento BLM assumiu as reivindicações da população indígena que sofre com os maus tratos da polícia local.¹⁰ É possível observar nesses exemplos, que o lugar absorve de forma diferente o mesmo movimento, a partir de sua constituição histórica e cotidiana, geolocalizando dessa forma a produção do comum.

Em 2010, na cidade de Tunis, na Tunísia, Mohamed Bouazizi de 24 anos ateou fogo ao próprio corpo, após sair de casa para trabalhar e ter os seus produtos apreendidos por falta de uma licença. O jovem não havia encontrado nenhum emprego formal e, devido a isso, passou a vender frutas e verduras para contribuir com a família. Bouazizi tentou ir ao governo local para pedir seus produtos de volta, mas não foi atendido, revoltado com a situação, ele acaba por jogar gasolina em si próprio e acender um fósforo.¹¹ Segundo Žižek (2012, p.8), esse:

[...] foi apenas um dos muitos atos semelhantes ocorridos no norte da África que, além do desespero individual simbolizaram o esgotamento psicológico de muitos povos em um mesmo momento. Houve uma sincronia cosmopolita febril e viral de uma sequência de rebeliões quase espontâneas surgidas na margem sul do Mediterrâneo e que logo se manifestaram na Espanha, com os Indignados da Puerta del Sol, em Portugal, com a Geração à Rasca, e na Grécia, com a ocupação da praça Syntagma (ŽIŽEK, 2012. p. 8).

Percebe-se aqui novamente como um evento geolocalizado, acaba por constituir um ponto de fuga em relação a soberania estatal, esse esgotamento psicológico dos povos gerou a revolta, iniciando a Primavera Árabe¹². A busca pela liberdade insere um agenciamento com a própria morte. O ato de colocar fogo em si mesmo é uma linha de fuga, uma desterritorialização da vida e a reterritorialização da rebelião como único direcionamento possível, cravada no mesmo ponto aonde o corpo se desfaz em chamas, no lugar

⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53036253> Acesso em: 29/01/2021.

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/06/protestos-espalhados-pelo-mundo-apoiam-movimento-black-lives-matter.ghtml> Acesso em: 29/01/2021.

¹¹ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111217_bouazizi_primavera_arabe_bg Acesso em: 03/02/2021.

¹² A Primavera Árabe, ocorrida entre 2011 e 2012, foi um evento internacional que abalou as estruturas políticas, econômicas e sociais de muitos países da região do Grande Oriente Médio. Em meio a regimes autoritários e autocráticos mantidos por décadas, o movimento caracterizou-se por uma onda de manifestações populares e protestos que levaram milhares de pessoas às ruas. (BONACINA, ALVES e TESSUTO, 2017, p.19)

geolocalizado. E como colocado, as desterritorializações desse movimento foram sucessivas, atingindo rapidamente outros locais.

Lugar comum

As relações heterogêneas são base para o entendimento de vários agenciamentos, pois, em um mundo globalizado, mas fragmentado, imerso em uma constituição neoliberal que cada vez mais individualiza, “a proximidade física é indispensável a reprodução da estrutura social. A crescente separação entre as classes agrava a distância social. Os homens vivem cada vez mais amontoados lado a lado em aglomerações monstruosas, mas estão isolados uns dos outros” (SANTOS, 2012, p.33). Santos (2013, p.33) ainda vai instituir que:

A dimensão fragmentada é a tribo - união de homens por suas semelhanças - e o lugar - união dos homens pela cooperação na diferença. A grande revolta se dá através do espaço, do lugar, ali onde a tribo descobre que não é isolada e nem pode estar só. [...] O mundo da globalização doentia é contrariado no lugar (SANTOS, 2013, p.33).

O lugar é aonde a globalização é traduzida, tanto pelo excesso de interferência como pela ausência, ou seja, é no lugar que a Amazônia é derrubada para o crescimento do agronegócio, é no lugar que as desigualdades são palpáveis, é no lugar que a sua escola pode ser derrubada para a construção de um empreendimento imobiliário e é no lugar também que o comum muitas vezes se desenvolve, seja na horta comunitária, seja na produção comunitária da agricultura quilombola ou no movimento mundial do *Black Lives Matter*.

Arampatzi (2018), ao analisar a produção de solidariedades práticas na Grécia a partir das políticas de austeridade constituídas no país posteriormente a crise econômica de 2008, ela vai perceber que:

Em geral, a comunicação, as táticas de cooperação e os processos de criação de redes entre os grupos locais e entre as iniciativas se produzem sobre a base de questões tangíveis e objetivos imediatos, mas há também outras questões mais amplas que desempenham um papel crucial na confluência de atores (ARAMPATZI, 2018, p. 396)¹³.

Essa análise da autora sobre a produção de solidariedades práticas em Atenas abre discussões muito interessantes em relação a produção do Comum. A partir dessa materialidade do real, e de como as questões palpáveis são importantes para a criação de redes de cooperação, se percebe a intensidade que o lugar desempenha no desenvolvimento de um contra espaço.

¹³ Tradução livre do autor.

A conectividade esquizofrênica do mundo nos coloca em uma posição de observadores estáticos percorrendo um número absurdo de notícias na velocidade possibilitada pelos processadores dos nossos celulares, e isso muitas vezes faz a notícia se tornar abstrata. Mas, “no lugar, estamos condenados a conhecer o mundo pelo que ele já é, mas, também, pelo que ainda não é” (SANTOS, 2012, p.163).

Franca (2012), ao discutir a reorganização das escolas da cidade de São Paulo de 1995, assim como Giroto (2017), em sua discussão sobre a reorganização escolar de 2015, percebem essa materialidade das lutas no lugar. Para Franca as ocupações das escolas “passaram a produzir novas relações sociais em locus, para além de reivindicações sociais e democráticas. Estes espaços, ao mesmo tempo, abriram-se para a interação comunitária urbana-virtual, principalmente através das redes sociais” (FRANCA, 2020, p.65), produzindo assim um espaço comum.

O fechamento de uma escola no seu bairro é muito palpável, é a desterritorialização de grande parte dos alunos, assim como uma reestruturação de fluxos, que redimensionam sistemas econômicos e culturais de uma área, fatos esses que são entendidos com propriedade, muitas vezes somente no cotidiano do bairro, e que uma *hashtag* não dimensiona da mesma forma.

Mas ao mesmo tempo, a utilidade das redes sociais em uma sociedade ciborgue, é essencial, a partir da interação comunitária urbana-virtual, as redes são fundamentais, pois a base imaterial da reprodução social também é cotidiana, e apropriada pelo capital forçosamente, portanto, é necessário que nós ciborgues nos utilizemos dela em benefício próprio. Entretanto, Hardt e Negri (2009, p. 8) explicitam que:

Com os antolhos das ideologias dominantes atuais, é difícil ver o comum, mesmo que ele esteja todo à nossa volta. Políticas governamentais neoliberais em todo mundo têm buscado, nas últimas décadas, privatizar o comum, transformando produtos culturais – por exemplo, informação, ideias e mesmo espécies de animais e plantas – em propriedade privada (HARDT e NEGRI 2009, p. 8).

Devido a isso a insistência da Geografia e do geógrafo em focar na inserção do lugar na dimensão da explicação do comum é primordial, pois é necessário colocar materialidade no problema comum que os locais vivem. As redes são importantes na nossa comunidade ciborgue, mas é necessário trazer a realidade para o debate, e o lugar é onde a *hashtag* se torna luta prática e produção de formas de vida.

Considerações iniciais

Este trabalho tentou introduzir uma discussão em relação a escala inicial da produção comum, ao passo que a nossa vivência em um mundo globalizado, inserido no meio técnico-científico-informacional e formado a partir da expropriação capitalista nesse sistema neoliberal nos direciona cotidianamente a ceder o que é comum a todos como a água, a cultura, as plantas, ou seja questões materiais, assim como o capital tem se apropriado cada vez mais da nossa produção imaterial, principalmente a informação.

Devido a isso, a partir de Donna Haraway buscou-se explicitar essa dimensão ciborgue do ser humano atualmente, que proporciona essa possibilidade para o capital de produção de lucro, mas que ao mesmo tempo abre caminhos para uma reorganização das lutas, que passam a se inter-influenciar no mundo todo por meio da conectividade em rede, o movimento *Blacklivesmatter* é um exemplo dessa constituição.

Entretanto, se percebeu que por mais fluída que seja a produção de uma luta comum, ela sempre vai ter no lugar e no cotidiano uma base superimportante para a sua constituição, pois, o lugar é onde a estranheza do mundo globalizado se faz real, é onde a significação dos fenômenos se dá, e as ações do Estado e do Capital se materializam. O lugar é onde a luta é travada para manter o comum aberto ou para abrir espaços comuns apropriados pelo privado e pelo público-estatal.

Portanto, a Geografia é fundamental para o entendimento da produção do Comum atualmente, principalmente se relacionando a produção de Milton Santos sobre o conceito de lugar e a sua análise. Infere-se que esse tema pode ser aprofundado a partir de estudos de caso, além de que inserir o entendimento do espaço contribui para a reprodução de experiências sobre a criação de espaços comuns em outros locais.

Referências

ALBUQUERQUE, Mariana Vercesi de; RIBEIRO, Luis Henrique Leandro. Desigualdade, situação geográfica e sentidos da ação na pandemia da COVID-19 no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, [S.L.], v. 36, n. 12, p. 1-14, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00208720>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/YnJk6W34PYN9G5jp39kzCdy/?lang=pt> Acesso em: 01/10/2021.
<https://doi.org/10.1590/0102-311x00208720>
PMid:33440421

ARAMPATZI, ATHINI. ¿De las crisis y la austeridad a la innovación social urbana? Perspectivas de las iniciativas solidarias y alternativas populares en Atenas. *La metropolis*. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330513897_DE_LA_CRISIS_Y_LA_AUSTERIDAD_A_LA_I

NNOVACION SOCIAL URBANA PERSPECTIVAS DE LAS INICIATIVAS SOLIDARIAS Y ALTERNATIVAS POPULARES EN ATENAS Acesso em: 01/10/2021.

BONACINA, Amabilly, ALVES, João Paulo, TESSUTO, Sérgio Minuzzi. A crise no Oriente Médio e a Primavera Árabe. In. Relações Internacionais para educadores: um mundo em crise. VISENTINI, Paulo Fagundes. v.4. 2017. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ripe/wp-content/uploads/2016/03/livro.pdf> Acesso em: 04/10/2021.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI. Boitempo. Tradução de Mariana Echalar. 2017.

FRANCA, Gilberto Cunha. Espaço, reprodução social e produção do comum. Boletim Paulista de Geografia, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ripe/wp-content/uploads/2016/03/livro.pdf> Acesso em: 04/10/2021.

GIROTTI, E.; PASSOS, F.; CAMPOS, L.; OLIVEIRA, J. A geografia da reorganização escolar: uma análise espacial a partir da cidade de São Paulo. ETD- Educação Temática Digital, v.19 n. esp. p. 134-158 jan./mar. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/315063073_A_geografia_da_reorganizacao_escolar_uma_analise_espacial_a_partir_da_cidade_de_Sao_Paulo Acesso em: 01/10/2021. <https://doi.org/10.20396/etd.v19i0.8647805>

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARAWAY, Donna. "Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX". In SILVA, Tomaz Tadeu da. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. Commonwealth. Cambridge: Belknap Press, 2009. <https://doi.org/10.2307/j.ctvjsf48h>

_____. Bem-estar comum. Rio de Janeiro: Record, 2016.

_____. Assembly. A organização multitudinária do comum. São Paulo: Editora filosófica Politeia, 2018.

KATZ, Cindi. Capitalismo vagabundo e a necessidade da reprodução social. Trad. Gilberto Cunha Franca e Valeria Fontes. Geusp - Espaço e Tempo (Online), v. 23, n. 2, p. 435-452, ago. 2019. ISSN 2179-0892. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=zKFhV6kAAAAJ&citation_for_view=zKFhV6kAAAAJ:70eg2SAElzsC Acesso em: 04/10/2021. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geusp.2019.158736>

OLIVEIRA, Roberta Gondim de; CUNHA, Ana Paula da; GADELHA, Ana Giselle dos Santos; CARPIO, Christiane Goulart; OLIVEIRA, Rachel Barros de; CORREA, Roseane Maria. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a covid-19 e o racismo estrutural. Cadernos de Saúde Pública, [S.L.], v. 36, n. 9, p. 3-34, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00150120>. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00150120> PMID:32965376

SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar. Edusp. 1.ed., 2 reimpor. 2012.

_____. Espaço e tempo. Edusp. 5.ed., 3 reimpor. 2020.

_____. Pensando o espaço do homem. Edusp. 5. ed., 3 reimpor. 2012.

_____. Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal). Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. Técnica, espaço, tempo. Edusp. 5. de, 1. reimpor. 2013.

SASSEN, Saskia. Expulsões. Brutalidade e complexidade na economia global. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

SAUVIAT, Catherine. Occupy Wall Street, um movimento social inédito nos Estados Unidos. 2012. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/192> Acesso em: 04/10/2021.

STAVRIDES, Stavros. Common Space. The city as commons. London: Zed Books, 2016.
<https://doi.org/10.5040/9781350219267>
PMid:26923405

ŽIŽEK, Slavoj. (2012). O violento silêncio de um novo começo. In: D. Harvey, E. Teles & E.

Sader. Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas (pp. 15-26). São Paulo:

Boitempo/Carta Maior.